

FÉ, CULTURA E DEVOÇÃO:

PRÁTICAS DE BENZER E PUXAR DESMENTIDURAS PELAS MÃOS DE SEU ARIGÓ

Marineide Soares Pereira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Licenciada em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas – CESP. E-mail: msn.mic23@uea.edu.br.

Pedro Henrique Coelho Rapozo

Doutor em Sociologia – Desenvolvimento e Políticas Sociais pela Universidade do Minho/UM. Professor da Universidade do Estado do Amazonas/UEA lotado no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga – CESTB. Professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH/UEA. Coordenador do grupo de pesquisa vinculado ao CNPq, Núcleo de Estudos Socioambientais da Amazônia – NESAM. E-mail: phrapozo@uea.edu.br.

Resumo: Este artigo pretende expor em que sentido ainda ocorrem as práticas de benzeção e puxar desmentiduras nas sociedades pós-moderna, onde estas práticas em sua maioria são desempenhadas por mulheres, mas que também são exercidas por homens. Busca-se, com este trabalho entender como esse universo de benzedores e benzedoras ocorre dentro da cidade de Parintins-Am, uma vez que estas práticas são legitimadas pelas demonstrações de fé que esses agentes sociais carregam, sendo considerado por estes, dons divinos. O presente trabalho se desdobrou a partir da observação direta das práticas de um benzedor, bem como posteriormente conversa com este agente social sobre sua trajetória de vida como benzedor e puxador de desmentiduras.

Palavras-chave: Benzedor; Benzeção; Fé; Práticas Religiosas.

Abstract: This article aims to expose the ways in which the practices of blessing and debunking still occur in postmodern societies, where these practices are mostly performed by women, but are also performed by men. This work seeks to understand how this universe of healers and healers occurs within the city of Parintins-Am, since these practices are legitimized by the demonstrations of faith that these social agents carry, being considered by them as divine gifts. This work unfolded from the direct observation of the practices of a healer, as well as a subsequent conversation with this social agent about his life trajectory as a healer and debunker.

Keywords: Benzedor; Benzition; Faith; Religious Practices.

INTRODUÇÃO

As práticas de benzeção têm uma longa história e continuam a existir em muitas sociedades modernas, adaptando-se às mudanças sociais e culturais. A benzeção, tradicionalmente associada a práticas religiosas e espirituais, envolve rituais de cura, proteção e bênção realizados por benzedoras ou benzedores. Essas práticas são tradições ancestrais profundamente enraizadas na cultura brasileira, especialmente em comunidades rurais, geralmente envolve gestos como o sinal da cruz, imposição de mãos e recitação de orações específicas.

As benzedoras são figuras respeitadas nas comunidades, reconhecidas por suas habilidades de cura espiritual. Elas desempenham um papel muito importante, especialmente em áreas onde a medicina convencional pode ser escassa, ou até mesmo não funcionar. Seu conhecimento é transmitido oralmente através de gerações, garantindo a continuidade dessas práticas.

O objetivo geral deste trabalho, foi o de entrevistar um benzedor na cidade de Parintins-AM, a fim de compreender como eram realizadas suas práticas religiosas, uma vez que estas práticas são legitimadas pelas demonstrações de fé que esses agentes sociais carregam, sendo considerado por estes, dons divinos. Utilizamos da observação direta, da história oral e de entrevista com este agente social sobre sua trajetória de vida como benzedor e puxador de desmentiduras. Justifica-se este trabalho, uma vez que a procura pela benzeção onde as pessoas procuram indivíduos cujas práticas são conhecidas pelo poder de cura, também podem ser encontrados com facilidade na cidade, nas quais essas práticas e rituais religiosos têm sido manifestados pelos homens, desde épocas remotas, garantindo prestígio àqueles que as utilizam. As práticas de benzer e puxar desmentiduras têm uma forte conexão com a fé e a cultura das comunidades onde são realizadas, as quais estão enraizadas em crenças populares e folclóricas, muitas vezes associadas à espiritualidade, religiosidade e tradições culturais específicas.

Sendo assim, este trabalho busca reconhecer a relevância social deste trabalho para benzedoras e/ou benzedores em Parintins, uma vez que as práticas de benzeção nas sociedades modernas são um testemunho da resiliência e adaptabilidade das tradições espirituais e culturais. Elas continuam a desempenhar um papel vital no bem-estar das comunidades, adaptando-se às mudanças sociais e tecnológicas enquanto preservam seus fundamentos espirituais.

DESENVOLVIMENTO TEXTUAL

PRÁTICAS DE BENZER E PUXAR DESMENTIDURAS

As práticas de benzer e puxar desmentiduras têm uma forte conexão com a fé e a cultura das comunidades onde são realizadas, as quais estão enraizadas em crenças populares e folclóricas, muitas vezes associadas à espiritualidade, religiosidade e tradições culturais específicas.

De acordo com Trindade (2015), na cidade de Parintins o ato de benzer se faz muito evidente, uma vez que é possível observamos pessoas nas ruas benzerem-se ao passarem pela frente de uma igreja católica da cidade, como também se faz presente ao pedir ou fazer a benção em si ao sair ou chegar em casa, um costume local para muitas famílias da cidade, configurando-se assim, um símbolo de proteção sagrada.

A procura pela benzeção da qual as pessoas buscam indivíduos cujas práticas são conhecidas pelo poder de cura, também podem ser encontrados com facilidade na cidade, nas quais essas práticas e rituais religiosos têm sido manifestados pelos homens, desde épocas remotas, garantindo prestígio àqueles que as utilizam.

Para Oliveira (1985), benzeção, benzer, benzedura ou benção,

[...] é um veículo que possibilita ao seu executor estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos, de um lado com os homens, de outro, e entre ambos simultaneamente. A benção é então um instrumento pelo qual homens produzem serviços e símbolos de solidariedade para si e para sujeitos da classe social da qual fazem parte. E na maioria das vezes, eles produzem benção através da religião a que pertencem (Oliveira, 1985, p. 9).

Enquanto que desmentidura, para Cordeiro (2017),

É um desconforto físico provocado por uma tensão muscular, um deslocamento de vértebra, torção articular, ou uma fratura óssea. O (A) paciente pode perceber imediatamente, após uma queda, um baque, ou um acidente de pequena e/ou de grande proporção, que uma parte da musculatura ou do esqueleto foi comprometida. A intensidade da dor, o aparecimento de um inchaço ou a percepção de um escurecimento, meio arroxado, no local onde sofreu o impacto, comprova a suspeita de que está com uma desmentidura. Vale ressaltar que a pessoa pode pegar uma desmentidura sem causa aparente: um movimento brusco, involuntário ou dormir de mal jeito podem desmentir a pessoa (Cordeiro, 2017, p. 104-105).

Essas práticas são realizadas desde a antiguidade, sendo historicamente dominadas por mulheres. Mas quem seria essa figura do benzedor (a)? O que a difere de outros indivíduos? Que imagem associamos ao

pensar num benzedor (a)? Oliveira (1985) diz que se trata de uma cientista com conhecimento popular, uma bricoleur, que possui habilidades de cura, onde mistura os místicos da religião e os mistérios da magia aos conhecimentos da medicina popular, uma figura que possui semelhanças ao xamã, ao pajé, a benzedeira (o), exerce função similar, que também evoca alguma lembrança as bruxas, pelo seu poder de adivinhação, de lê sorte, lida com o mistério e coisas do além.

É importante ressaltar que essas práticas são realizadas desde a antiguidade, onde pessoas que demonstravam possuir algum tipo de poder sobrenatural recebiam o estereótipo de feiticeiro, indo de desencontro ao que a Igreja Católica pregava naquela época, sofrendo sérias consequências quando mostravam seus dons.

Tais acusações estão presentes desde a antiguidade, embora somente na etapa de transição da Idade Média para a Idade Moderna ...é que ganham grande impulso [...]. As ações de caças as bruxas, as denúncias, as perseguições, as prisões, os castigos, as torturas e as execuções, nessa etapa histórica, não se davam de forma isolada e esparsa. Mas sob forma institucionalizada, através do Tribunal do Santo Ofício [...]. Resistir a Inquisição, ou contestá-la, por exemplo, buscando novas outras maneiras para explicar as ações que se diziam ser ligadas à bruxaria e feitiçaria, constituía uma ameaça, uma inconsequência, uma insurgência tida como muito perigosa para os valores da época. Tal postura era mesmo considerada herege, isto é, descrente e desafiante aos dogmas da Igreja, e portanto, a Deus [...] (Oliveira, 1985, p. 20-21).

Ao longo da história surgem novas formas de tratar do corpo e da alma, agora de forma isolada, uma vez que antes a Igreja com todo poder que possuía dentro da sociedade, associava esses casos a possessão de demônios. No caso das benzedadeiras, Oliveira (1985) reforça que a benzedeira enquanto uma cientista popular, fala em nome de uma religião, e ela não pode ser compreendida sem que sua religião seja levada em consideração, e em sua maioria são cristãs católicas, embora sejam religiosas, nem sempre são frequentadoras de uma igreja.

Essa proximidade com o catolicismo e com os rituais que envolvem a cura, para Trindade (2012), acaba gerando desconforto com as igrejas evangélicas (uma vez que para eles somente Deus tem o poder de cura), pois muitos benzedores são acusados de serem pagãos, apropriando-se das crenças do povo que os procuram, afastando as pessoas de quem realmente pode salvá-los, Deus. Apesar desse discurso, estas igrejas evangélicas também promovem em seus cultos, ritos de cura, gerando assim, uma concorrência e disputa pelo poder religioso de curar. Quanto à Igreja Católica, embora não sejam oficialmente legitimadas, as benzedadeiras se sentem parte

integrante dela, que é percebido nas orações, na veneração aos santos de devoção e nos dogmas do catolicismo que dão legitimidade às suas práticas.

Dentro desse contexto de práticas de benzeção, Cordeiro (2017) nos relata como funcionam essas práticas, quais direcionamentos são tomados, e como todo esse processo é realizado.

Ao chegar ao benzedor ou benzedeira, rezador ou rezadeira, o (a) paciente busca a confirmação do diagnóstico inicial e o tratamento. Uma das habilidades mais importantes esperadas pelo (a) paciente é que esses (as) agentes saibam precisar, por exemplo, se a doença é pra médico ou pra curador. E se for pra curador, por quais dos males ele(a) está vitimada(o): desmentidura, carne rasgada, espinha ou osso preso na garganta (ou se o problema é resultado do ferimento provocado pela espinha ou pelo osso), ataque da mãe do corpo, quebranto (o tipo de quebranto: se de sol, de cansaço, de fome, de mal olhada), judiaria (termo usado para se referir aos ataques de feitiçaria causadores de males físicos/não físicos), aborrecimento (termo usado para se referir a ataques de feitiçaria causadores de descontrole/desentendimento emocional ou financeiro), flechada de bicho do fundo (ataque leve de ser do fundo, como forma de sanção ou por se encantar pela pessoa vitimada) ou roubo de sombra (ataque forte desferido por um ser do fundo como forma de sanção ou por se encantar pela pessoa vitimada), ou ainda um simples mau olhado (termo usado para designar a inveja)? Dependendo da situação (idade do paciente, grau de evolução da doença e forma como a adquiriu) e da capacidade dele (a), o (a) benzedor ou benzedeira, rezador ou rezadeira afirma se agarante ou não se agarante de fazer o serviço. Se não se agarrar, despacha (explica que não pode ajudar) a pessoa. Se se agarrar, tem início o rito da benzição. O início do rito da cura é marcado por uma longa conversa (entre benzedor ou benzedeira, rezador ou rezadeira) com o paciente, ou a mãe ou ainda o membro da família que acompanha o (a) doente. O diálogo é pautado por perguntas precisas, sincronização de gestos, olhares, expressões faciais, movimentos, toques, modalizações vocais, sussurros, pausas longas e breves. Diagnóstico fechado, a segunda etapa da benzição é a busca (a passos lentos e olhos ligeiros pelo próprio quintal ou pelo local escolhido para a sessão) por ramo (s) ou folha (s) verde(s), ambos recém colhidos; água benta para aspergir sobre o(a) paciente; galhos secos ou folhas de ervas secas para defumar o local e/ou o corpo do paciente; terço católico, ou nenhum elemento concreto (muitas vezes presenciei benzições de cura, sem quaisquer dos recursos citados). Usando todo o corpo, numa sincronidade, indelével, mas precisa, entrecortando cada gesto, movimento, com sussurros inaudíveis, ou recorrendo ao corpo do (a) paciente para realizar manobras ou apenas tocando-o por apalpadelas rápidas, o benzedor ou a benzedeira, rezador ou rezadeira aciona a “potência⁷³ da cura”. Geralmente, esse rito dura pouco mais de cinco minutos e, dependendo do caso, há a repetição da reza em outro (os) dias da semana (Cordeiro, p. 94-95).

Estas pessoas que praticam estas atividades espirituais, acreditam-se ser enviadas por um ser divino (Deus) com o objetivo de ajudar as pessoas,

onde a fé de quem os procura é elemento essencial para os processos de cura. Desta forma, é visto quão é importante a presença dessa prática como parte de um processo de aprendizagem sobre o conhecimento de suas práticas na ação do cuidar da saúde.

METODOLOGIA

O estudo desta pesquisa foi direcionado a partir de autores como *Elda de Oliveira* que possibilitaram o entendimento sobre benzeção, em especial as benzedadeiras populares; Pierre Bourdieu com suas contribuições sobre como conduzir uma pesquisa de campo; Deilson Trindade e Maria Audirene Cordeiro com estudos voltados para as práticas de benzeção na cidade de Parintins.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, sendo caracterizada por sua natureza como descritiva e interpretativa, com o uso da técnica da entrevista semi-estruturada. Como Alberti (2008) explica, as entrevistas de história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou. A história oral foi o método utilizado para conduzirmos a pesquisa que resultou neste artigo que tem como título, Fé, cultura e devoção: práticas de benzeção e puxar desmentiduras pelas mãos de seu Arigó, uma vez que esse método se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida, mantendo um compromisso com o contexto social (Meihy, 2006). Para tanto, buscou-se realizar essa pesquisa colocando o sujeito entrevistado num lugar de liberdade, e não de imposição, procurando não somente as condições ideais para realizar a pesquisa, mas também de criar condições visando uma comunicação não violenta, cujo objetivo é alcançar a maior fidelidade do objeto estudado, no sentido de perseguir a verdade afim de tê-la como princípio (Bourdieu, 1997).

Assim, a pesquisa se desdobrou sob a abordagem qualitativa com o uso da técnica da entrevista semiestruturada onde foi a narrativa se deu a partir de 01 homem reconhecido pela sociedade como benzedor que vive e atua na cidade de Parintins para então discutirmos o significado da cultura popular amazônica.

ANÁLISE DE DADOS

O SEGREDO DO SAGRADO NA BENZIÇÃO DE SEU ARIGÓ

Diferente da figura feminina a qual domina este campo, temos a figura de um senhor de meia idade, chamado de A. S. B (mais conhecido como Arigó), este agente social, bastante conhecido pela população parintinense pelos seus dons de benzer e puxar desmentiduras, que segundo ele, esse dom surgiu quando ele tinha apenas 12 anos.

Eu comecei a puxar com a idade de 12 anos, a gente morava lá no interior, e aí quando foi um dia um boi quebrou a perna de um cachorro, e eu tava deitado, e então eu tive um sonho, onde um garotinho tinha me pedido pra ajeitar a perna do cachorro, aí eu cheguei lá e fiz tudo como ele mandou e a perna do cachorro não demorou muito pra emendar que tinha quebrado....depois foi o meu avô que adoeceu, e daí foi o mesmo garoto foi no meu sonho de novo, e pediu pra eu fazer do jeito que ele tinha me ensinado, aí eu fui lá e fiz, o vovô também melhorou, aí ele disse que já tava pronto pra trabalhar (Arigó, Entrevista, julho/2023).

Figura 01: Puxando desmentidura



Fonte: Marineide Soares, 2023

Embora esse dom ele afirme ter recebido de Deus quando tinha apenas 12 anos, seu Arigó relata que teve medo, pois as pessoas poderiam associar seus dons, a macumba, ou até mesmo feitiçaria.

Mas só que eu tinha vergonha de puxar os outros, né? eu vim puxar só depois de tá na cidade, e eu bebia, eu saí da Esplanada, aí depois de eu sair do meu trabalho da Esplanada, que eu comecei a beber muito e depois uma mulher disse pra mim: - olha tu vai ter que seguir se não tu vai penar muito, aí foi que eu continuei a puxar novamente, mas eu tinha vergonha, entende? porque as pessoas podiam pensar que era coisa de macumba, mas isso não é nada de macumba não, o dom que Deus dá pra gente a gente tem que cumprir e botar pra frente, mas eu tinha essa imaginação (Arigó, Entrevista, julho/2023).

Ao falar que as pessoas podiam achar que ele fazia macumba, foi possível perceber em sua fala um certo desconforto, esquivando-se de falar sobre o assunto, e bastante firme ao dizer que seu dom não tinha nada a ver com macumba e/ou feitiçaria, fazendo-nos entender que isto estaria relacionado a algo que não era sagrado, portanto, não era isso que ele fazia. Esse aparente medo retratado por seu Arigó, não é algo novo, se voltarmos a história, século XVI a XVIII, a igreja entrava no campo da saúde, curando pessoas através de caridade e até mesmo exorcismo. No entanto, pessoas que diziam ter poderes sobrenaturais, capazes de curar, adivinhar, e por serem consideradas inferiores naquele contexto histórico, indo de desencontro ao que a igreja pregava, eram associadas a rituais de bruxaria, feitiçaria, magia (Oliveira, 1985).

Com o surgimento de novas religiões, essas marcas históricas se tornam cada vez mais visíveis na sociedade, especialmente em religiões de matrizes africanas, que ainda sofrem muito preconceito pelas suas práticas religiosas, a quais diferem ao cristianismo, portanto, sofrem com esses estereótipos de maldade, demoníaco, ruim.

Na contemporaneidade, este discurso ainda é bastante latente, tanto que foi observado na fala de seu Arigó, ao externar que ele não praticava macumba, feitiçaria, e/ou magia, fazendo com que ele deixasse de exercer seus dons por muito anos, voltando a fazê-lo novamente quando tinha um pouco mais de 20 anos.

Nesse cenário, entra uma figura mais velha, mais madura, capaz de decidir e interferir em suas próprias escolhas, tanto que ele relata que não parou mais, pois acreditava que precisava ajudar as pessoas com os dons que Deus havia dado a ele. Nessa perspectiva, Trindade (2015, p. 9) nos revela que “no caso das benzedadeiras, o seu dom é visto como algo divino que lhe foi dado gratuitamente, uma dádiva recebida de Deus. E nesses tempos de

modernidade e em especial na cidade de Parintins, as benzedeiras ainda continuam atuando no auxílio de quem as procuram”

Durante a pesquisa, foi possível observar que a todo momento chegavam pessoas, entre eles, homens, mulheres, crianças, com o intuito de buscarem cura para suas doenças, entre elas estavam: moleza no corpo (atribuído a mal olhado), quebranto na criança, febre alta que não passava com remédio convencional, e outros, queixando-se de dores por acreditarem que estavam desmentidos, sendo necessário, ser colocado no lugar.

Acompanhando o atendimento de seu Arigó, percebi que ele fazia o sinal da cruz na região que a pessoa dizia estar doente e que precisava de cura, e ao reproduzir esse símbolo, ele balbuciava enquanto fazia o sinal várias vezes. Ao perguntar o que ele falava, ele relatou que rezava com fé algumas orações como Pai Nosso, Ave-Maria, Creio, e outras que apenas ele sabia, e essas orações verbalizadas por ele durante o processo de benzeção, eram de cunho católico.

Levi Strauss (1975, p. 182) ao descrever as práticas mágicas e seus efeitos, diz que a sua eficácia está ligada a crenças, as quais se apresentam sob três perspectivas que se relacionam, “a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; em seguida, a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; finalmente, a confiança e as exigências da opinião coletiva”.

Nesse sentido, foi perceptível observar a crença que as pessoas possuíam em seu Arigó, e de fato, ao terminar o serviço, seja de benzer ou puxar desmentidura, elas se sentiam curadas por ele, algo surreal, pois as pessoas diziam ter sido curadas de forma instantânea, pois a febre passava, o cansaço causado pelo mal olhado passava, a dor já não existia mais.

Eu gosto de benzer com pião roxo, por isso ele está bem aí (apontando pra planta que está na frente de sua casa), eu benzo com ele, e as pessoas que eu benzo dizem que tem dado certo.....eu considero que esse dom seja de Deus, porque primeiro eu me pego com Deus antes de começar a trabalhar, e quando eu vou parar eu tenho também que agradecer a ele. E aqui, a gente não pára, quando eu chego do posto, as vezes em nem consigo almoçar direito porque tem pessoas pra atender, eu só não atendo se eu estiver doente, ainda mais se for criança. As pessoas dizem que foram curadas por mim, então acho que tô no caminho certo, e a gente só agradece de poder ajudar as pessoas (Arigó, Entrevista, julho/2023).

Outro ponto importante durante sua narrativa, foi o fato de seu Arigó nos revelar que só benzia crianças, uma vez que ele não gostava de benzer adulto porque quando benzia pessoas adultas, ele sentia muito desconforto, atribuindo esse desconforto as forças negativas que as pessoas carregam,

sendo transmitidas essas energias negativas para ele mesmo. Para Trindade (2011),

[...] as crianças, sobretudo as recém-nascidas, formam a clientela principal das benzedeiras de Parintins. Estas são levadas geralmente por suas mães para serem benzidas contra o quebranto, mau-olhado ou desmintidura. Pois, tanto as mães, quanto as benzedeiras, acreditam que as crianças são as mais vulneráveis às energias negativas do que os adultos, sendo, portanto, mais suscetíveis a essas enfermidades que somente as benzedeiras podem curar” (Trindade, 2011, p. 45).

Figura 02 – Puxando desmintidura e benzendo criança



Fonte: MARINEIDE SOARES/2023

Além das orações invocadas no momento de benzeção, e de fazerem o sinal da cruz em cima do benzido, é comum os benzedores/benzedeiras utilizarem alguma planta medicinal, como o pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia*) para auxiliar na eficácia de cura dos indivíduos que os procuram, assim como Seu Arigó, que mantém em frente à sua casa uma árvore de pinhão – roxo, como símbolo de proteção, bem como faz uso para suas práticas de benzeção. Segundo Gomes e Pereira (1975, *apud* Trindade, 2011, p. 50), “as plantas têm o poder de energizar o homem ajudando na restauração de seu equilíbrio. Elas podem também ser depositárias das energias negativas recebida do benzido comprovando assim a enfermidade”. O uso de plantas e ervas medicinais no ritual das benzedeiras vem como complemento importante nos vários tipos de rezas que tem o intuito específico de curar o mal. Dessa forma, o autor reforça a ideia de que as plantas possuem poder e que podem ser utilizadas no auxílio de algumas enfermidades, pois existe doença

que é para médico curar, mas existe doença que somente podem ser curadas pelos benzedores.

CONSIDERAÇÕES

Sendo assim, este trabalho nos possibilitou compreender como os saberes tradicionais e a medicina popular ainda se fazem bastante presentes na contemporaneidade, práticas estas que advém desde a Idade Média, onde as pessoas que externavam possuir algum tipo de poder (geralmente mulheres), e que ia de desencontro as formas de cura da Igreja, pois associava-se a estas mulheres atos de bruxaria, magia, feitiçaria, estas pessoas eram condenadas à morte sem qualquer tipo de defesa. Com isso, acreditar ou não nas (os) benzedoras (os), não depende da legitimidade e eficácia da benzeção, mas transcende o que é visto como real, e esse real é relacional, pois para eles tudo é questão de fé das pessoas que creem no que se propuseram a fazer, uma vez que a (o) benzedora (o) se torna símbolo sagrado, onde estes acreditam que foram enviados por uma figura divina (Deus) e que receberam esses dons para ajudar as pessoas no plano terrestre, portanto, dignas de serem respeitadas pela simbologia a qual estão associadas. Tanto que muitas vezes, a busca por essas cientistas que possuem conhecimento popular, deve-se ao fato que a busca da cura pelas vias da medicina tradicional não tiveram eficácia, dessa forma, acabam procurando-os as vezes como última alternativa, e como bem salientado por Seu Arigó, as pessoas revelam que de fato suas enfermidades apresentadas naquele momento foram curadas por ele, fazendo com que o mesmo continue a realizar aquilo que ele foi preparado para fazer.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, VERENA. **MANUAL DE HISTÓRIA ORAL**. RIO DE JANEIRO: FGV, 2008
- BOURDIEU, PIERRE. “COMPREENDER” IN: **MISÉRIA DO MUNDO**. EDITORA VOZES, 1993. P.693-731.
- CORDEIRO, MARIA AUDIRENE. “**A CANOA DA CURA NINGUÉM NUNCA REMA SÓ**”: O SE INGERAR E OS PROCESSOS DE ADOECER E CURAR NA CIDADE DE PARINTINS (AM). TESE (DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL). INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – ICHL, UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, MANAUS, 2017.
- LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. “O FEITICEIRO E SUA MAGIA” IN: **ANTROPOLOGIA ESTRUTURAL**. RIO DE JANEIRO: TEMPO BRASILEIRO, 1975. P. 181-200.

MEIHY, JOSÉ C. S. B. **Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro.** REVISTA DE HISTÓRIA 155 (2º - 2006), p. 191-203.

NOME CIENTÍFICO PARA PLANTA PINHÃO ROXO. DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://WWW.EMBRAPA.BR/](https://www.embrapa.br/) ACESSO: 22/07/2023.

OLIVEIRA, ELDA RIZZO DE. **O QUE É BENZEÇÃO.** SÃO PAULO: BRASILIENSE, 1985

SANTOS, FRANCIMÁRIO VITO. **O OFÍCIO DAS REZADEIRAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL: RELIGIOSIDADE E SABERES DE CURA EM CRUZETA NA REGIÃO DO SERIDÓ POTIGUAR.** REVISTA CPC, SÃO PAULO, N. 8, P. 6-35, MAIO 2009/OUT. 2009.

TRINDADE, DEILSON. III CONGRESSO PAN-AMAZÔNICO DE HISTÓRIA ORAL E IX ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA ORAL. **FÉ E CULTURA NA BENZIÇÃO DE ROSA GOMES.** 2015.

TRINDADE, DEILSON. VII CONNEPI – CONGRESSO NORTE NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO. **AS BENZEDEIRAS DO AMAZONAS: A ATUALIDADE DA CURA POPULAR NA CIDADE DE PARINTINS.** PALMAS, 2012.

TRINDADE, DEILSON. **AINDA SE BENZE EM PARINTINS: REZAS E SIMPATIAS NAS PRÁTICAS DAS MULHERES BENZEDEIRAS.** DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA). INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – ICHL, UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, MANAUS, 2011.

FONTE:

ENTREVISTA REALIZADA NO DIA 04/07/2023 ÀS 18H30 NA RESIDÊNCIA DE A. S. B (ARIGÓ).